

HISTÓRIA E ARTE  
UTOPIA, UTOPIAS



Maria Bernardete Ramos Flores  
Patricia Peterle  
(organizadoras)

HISTÓRIA E ARTE  
UTOPIA, UTOPIAS

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

História e arte : utopia, utopias / Maria Bernardete Ramos Flores, Patricia Peterle, (organizadoras). – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2013.

Vários autores.

ISBN 978-85-7591-289-8

Apoio: CAPES e CNPq

1. Arte 2. Arte - História 3. Arte – Linguagem 4. Artes visuais 5. Ensaios 6. Estética  
7. Utopias I. Flores, Maria Bernardete Ramos. II. Peterle, Patricia.

13-08917

CDD-709

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Ensaios : História e arte 709

*Conselho Científico:*

Maria de Fátima Costa – UFMT

Tânia Regina de Luca – Unesp, Assis

Esta obra é resultado do V Colóquio de História e Arte: Utopia, Utopias, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, entre os dias 2 e 4 de outubro de 2012, com o apoio da Capes.

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide

imagem da capa: Edward Hopper. *Approaching a City* (1946).

preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

*Obra em acordo com as novas  
normas da ortografia portuguesa.*

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

V.R. GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

[www.mercado-de-letras.com.br](http://www.mercado-de-letras.com.br)

[livros@mercado-de-letras.com.br](mailto:livros@mercado-de-letras.com.br)

primeira edição

**setembro/2013**

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

---

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.  
É proibida sua reprodução parcial ou total  
sem a autorização prévia do Editor. O infrator  
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

---

## Sumário

Apresentação	
Alguns percursos e reflexões: utopia, utopias . . . . .	7

### **Utopia(s) e memória**

---

1. Só nos restam as heterotopias. Utopias e distopias no espaço museal. . . . .	17
<i>Vincenzo Padiglione</i>	
2. Comentário a “Só nos restam as heterotopias” . . . . .	57
<i>Letícia Nedel</i>	
3. Fotografia e prática artística na trajetória de Claudia Andujar . . . . .	75
<i>Ana Maria Mauad</i>	
4. Imagem e utopia: fotografia como arte . . . . .	99
<i>Luciene Lehmkuhl</i>	
5. Rito de restos: guerras e utopias do Paraguai na obra de Augusto Roa Bastos. . . . .	109
<i>Alai Garcia Diniz</i>	
6. Memória e utopia: um comentário à margem da obra de Roa Bastos. . . . .	131
<i>Joachin de Melo Azevedo Neto</i>	

---

### **utopia(s) e artes**

---

7. Utopias e desejos: dores e prazeres na cidade ..... 141  
*Robert Moses Pechman*
8. A dimensão jurídica da conformação do território e  
da tipologia arquitetônica nas narrativas utópicas:  
Thomas More e Jeremy Bentham ..... 169  
*Maria Stella M. Bresciani*
9. Linguagens políticas no urbanismo utópico  
de Charles Fourier ..... 193  
*Marisa V. Teixeira Carpintéro*

---

### **utopia(s) e técnica**

---

10. A fotografia em Walter Benjamin: a “dialética na  
imobilidade” e a “segunda técnica” ..... 213  
*Márcio Seligmann-Silva*
11. Sobre a Vuelvilla de Xul Solar: técnica e liberdade  
no Reino do Ócio ou a Revolução Caraíba ..... 239  
*Maria Bernardete Ramos Flores*
12. A utopia da cidadania planetária e a antiutopia  
da sociedade de consumo ..... 269  
*Rogério Bianchi de Araújo*

---

### **utopia(s) e pensamento**

---

13. Potencialidades e sobrevivências: *La comunità che viene*. ..... 289  
*Patricia Peterle*
14. Momentos da utopia em Raymond Williams e  
Fredric Jameson ..... 301  
*Maria Elisa Cevasco*
15. Breve comentário sobre momentos de utopia  
em Raymond Williams e Fredric Jameson. .... 319  
*Adriano Luiz Duarte*
16. Criação e pensamento: entrevista com Roberto Machado. .... 325  
Por *Ricardo Machado*
- Sobre os autores ..... 341

## Alguns percursos e reflexões: utopia, utopias

Utopia palavra que deriva do grego *ou* – não e *topos* – lugar, que significa justamente “não lugar”, isto é “lugar que não existe”. O termo ficou mais conhecido, em 1516, com a obra homônima de Thomas More, na qual há a descrição de um estado ideal, baseado no princípio da igualdade econômico-jurídica dos cidadãos. Como se sabe, aqui, Utopia é um nome próprio, é o nome da ilha, cuja localização não se sabe exatamente, em algum lugar no Novo Mundo. O que marca a ilha é a perfeição atingida por seus habitantes. Além de More outros pensadores e filósofos dos séculos XVI e XVII trilharam percursos de utopias políticas, como Tommaso Campanella com *A cidade do sol* e Francis Bacon com *Nova Atlântida*. Em *A cidade e o sol*, a relação que regulamenta o equilíbrio do espaço já está no título o baixo e o alto, a cidade e o sol. A cidade é formada por sete círculos e recintos com os nomes dos sete planetas. Tudo perpassa pela simbologia astronômica e astrológica, e o jogo se dá entre os elementos naturais e sobrenaturais.

Todavia, já na Grécia antiga, nos escritos de Platão há vestígios do que ficaria conhecido como utopia. *Nova Atlântida* tem o seu mundo ao redor de uma organização denominada “casa salomão”, na qual trabalham os sábios, cuja função é fornecer à cidade conhecimentos vários. Tal escolha se dá pela mudança de perspectiva, não mais um governo eficiente, mas uma produção de conhecimento que possa dar conta dos acontecimentos, dos diversificados saberes e da natureza.

Na *República*, há a descrição de um espaço que não tem exatamente um nome, mas é evocado por meio da palavra *Kallipolis* (bela cidade). Aqui, a organização do espaço e do que nele está contido parte de princípios hierárquicos e o objetivo comum é a promoção da felicidade e estabilidade. A discussão na *República*, como se sabe, se dá por meio de um debate sobre o conceito de justiça, narrado por Sócrates.

No campo do pensamento político, o termo também foi muito usado. De fato o adjetivo *utopistas* foi atribuído aos socialistas no século XIX, Saint-Simon, Owen, Fourier, Proudhon, em contraposição ao socialismo considerado mais “científico” proposto por Marx e Engels. O socialismo do primeiro grupo seria utópico pela pretensão de modificar com meios pacíficos ou inadequados a estrutura econômica-política da sociedade capitalista, sem levar em conta a luta de classe e a necessidade de revolução.

No século XX, as discussões sobre utopia conheceram novos significados e rumos. Da Escola de Frankfurt, com T. W. Adorno e a *Dialética negativa*, aos escritos políticos de Habermas e também a E. Bloch, com *Espírito da utopia* (1918), e *O princípio esperança* (1954-1956), é possível traçar uma complexa trajetória. Esses tantos outros intelectuais revisitaram e deixaram traços e marcas nessa busca que parece ser incessante para o homem.

Em *A palavra e as coisas*, Michel Foucault retoma esse tema que tanto inquietou e desassossejou o sujeito.

As utopias consolam: é que, se elas não têm lugar real, desabrocham, contudo, num espaço maravilhoso e liso; abrem cidades com vastas avenidas, jardins bem plantados, regiões fáceis, ainda que o acesso a elas seja quimérico. As heterotopias inquietam, sem dúvida porque solapam secretamente a linguagem, porque impedem de nomear isto e aquilo, porque fracionam os nomes comuns ou os emaranham, porque arruinam de antemão a “sintaxe”, e não somente aquela que constrói as frases.<sup>1</sup>

É, portanto, na tensão entre utopias e heterotopias que se insere o presente volume, com ensaios que retomam, a partir de diferentes

---

1. Michel Foucault, *A palavra e as coisas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, p. XIII.



e variadas perspectivas e espaços, as inúmeras dobras-desdobras do que se chamou e se chama e se concebe como utopia. No total são 16 ensaios, divididos em quatro partes: “utopia(s) e memória”; utopia(s) e artes; utopia(s) e técnica; utopia(s) e pensamento.

O debate que agora se apresenta em forma de livro é fruto das atividades do *V Colóquio História e Arte*, organizado pela linha de pesquisa *Política da Escrita, da Imagem e da Memória* do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), realizado nos dias 02, 03 e 04 de outubro de 2012.<sup>2</sup> O tema central, *Utopia, utopias*, foi um convite para instigar pesquisadores, professores e alunos a refletirem sobre as últimas discussões no campo da historiografia e da arte.

Assim, foi aberto um espaço propício para a reflexão do tema proposto para o colóquio em diálogo com algumas questões centrais para o pensamento do século XX e contemporâneo: a concepção de tempo, de história, as relações e tensões com a técnica, entre sujeito e sociedade, sujeito e Estado, a produção de conhecimento/pensamento.

A presente coletânea com palestras dos professores convidados a participarem do *V Colóquio História e Arte* pretende ser um registro, dentro dos limites possíveis, das trocas e debates estimulados pelos dezesseis ensaios, complementados pela entrevista final com Roberto Machado. Um conjunto híbrido e múltiplo que apresenta diferentes *utopias*, em momentos também diferentes, mostrando como esse tema é caro ao homem.

A primeira sessão, *utopia(s) e memória*, é composta de seis ensaios, assinados por Vincenzo Padiglione, Letícia Nedel, Ana Maria Mauad, Luciene Lehmkuhl, Alai Garcia Diniz e Joachin de Melo Azevedo Neto. Seis textos, três duplas, ou melhor dizendo, três diálogos, porque os textos de Letícia Nedel, Luciene Lehmkuhl e Joachin de Melo Azevedo Neto foram tecidos a partir da leitura dos respectivos Vincenzo Padiglione, Ana Maria Mauad, Alai Garcia Diniz. Um jogo de montagem? Um arranjo? Talvez sim, mas certamente um estímulo intelectual. O ensaio de Vincenzo Padiglione, “Só nos restam as he-

---

2. Maiores informações sobre o V Colóquio de História e Arte, assim como os eventos anteriores, estão disponíveis no site [www.labharte.ufsc.br](http://www.labharte.ufsc.br).

terotopias. Utopias e distopias no espaço museal”, tem como foco o espaço do museu e seu significado. O antropólogo interroga esse espaço quase do “sagrado” em busca de interpretações pensando num presente cultural, que poderia ser uma possibilidade de reinvenção do espaço museal. Letícia Nedel, em “Comentário a ‘Só nos restam as heterotopias’”, busca desde as primeiras linhas situar o espaço da sua fala e o diálogo com o texto de Vincenzo Padiglione. Por meio de uma série de leitura e referências teóricas, a pesquisadora adentra, desconstrói para poder costurar o texto que debateu, passa pela pesquisa etnográfica e pela prática curatorial. “Fotografia e prática artística na trajetória de Claudia Andujar”, de Ana Maria Mauad, foca alguns momentos instigantes do trabalho da fotografa Claudia Andujar, principalmente o arquivo produzido por ela dos Yanomamis e a força ética e estética desse árduo manancial. Luciene Lehmkuhl lê o texto de Ana Maria Mauad a partir de uma dialética, vizinhança e distanciamento, trazendo para “Imagem e utopia: fotografia como arte”, a experiência da jovem artista mineira Camila Moreira Rodrigues Cruz, residente atualmente em Paris. Imagens que se cruzam, se entrecruzam e sobrevivem. O escritor paraguaio Augusto Roa Bastos é o ponto-curva de reflexão para o texto de Alai Garcia Diniz, “Rito de restos: guerras e utopias do Paraguai na obra de Augusto Roa Bastos”, que perpassa ainda pelo filme *Hamaca paraguaya* (2006) de Paz Encina e pela reflexão sobre a metáfora da fronteira. Um aspecto desse artigo, aquele relativo ao anacronismo que envolve a experiência humana e as produções artísticas, é sensivelmente percebido por Joachin de Melo Azevedo Neto, que em “Memória e utopia: um comentário à margem da obra de Roa Bastos”, investe em outros elementos do texto da pesquisadora e aponta para a interessante postura metodológica pautada na intermedialidade e interculturalidade da arte.

A segunda sessão, *utopia(s) e artes*, é composta de três ensaios e cada um a seu modo tangência e de forma perspicaz o tema da utopia. Robert Moses Pechman, em “Utopias e desejos: Dores e prazeres na cidade”, um texto artesanalmente trabalhado, propõe a utopia não como um “espaço-modelo”, mas como promessa e esperança da realização dos desejos. Um espaço, portanto, da *promessa*. Um espaço *abalado* que faz com que “essa utopia tivesse que ser vazada numa nova

gramática e repensada em uma nova episteme”. Para pensar essas expectativas e desejos o estudioso trabalha com imagens, pictográficas e fílmicas de Sloan, Hopper, Hitchcock e Vetriciano. Por meio de um outro percurso, sempre na cidade, nos textos de Maria Stella Bresciani e Marisa V. Teixeira Carpintéro é possível pensar numa espécie de genealogia para a questão da utopia. De fato, as pesquisadoras tratam de nomes fundamentais como Thomas More, Charles Fourier e Jeremy Bentham. Maria Stella Bresciani, em “A dimensão jurídica da conformação do território e da tipologia arquitetônica nas narrativas utópicas: Thomas More e Jeremy Bentham”, reflete sobre a longa permanência da “concepção urbanística utópica” nos projetos de novas cidades ou ainda em planos de intervenção urbana. As pesquisas de Bresciani relativas ao universo urbano, sempre com um apurado olhar, vem sendo desenvolvidas desde a década de 1980. Charles Fourier, presente no título “Linguagens políticas no urbanismo utópico de Charles Fourier”, é o foco do artigo de Marisa V. Teixeira Carpintéro. Ela constrói uma trajetória para pensar o falanstério, uma forma de edifício societário, que será ao longo dos tempos relida por outros como Le Corbusier.

A terceira sessão, *utopia(s)* e *técnica*, é também composta de três ensaios. Os dois primeiros apresentam como figuras centrais Walter Benjamin e Xul Solar e o terceiro problematiza o conceito de utopia e antiutopia na contemporaneidade. “A fotografia em Walter Benjamin: a ‘dialética na imobilidade’ e a ‘segunda técnica’”, de Márcio Seligmann-Silva, retoma o célebre ensaio do filósofo alemão, pontuando que o papel da fotografia nos escritos benjaminianos não é isolado. De fato, há uma estreita ligação com as passagens de Paris e com a sua teoria messiânica da história. O estudioso delinea uma complexa cartografia dos textos de Walter Benjamin, pensando inclusive nas duas versões do ensaio da obra de arte, e os faz operar. “Sobre a Vuelvilla de Xul Solar: técnica e liberdade no Reino do Ócio Ou a Revolução Caraíba” é o ensaio de Maria Bernardete Ramos Flores, no qual a pesquisadora também faz uma espécie de cartografia do pintor argentino, levando em consideração toda a sua complexidade, para refletir sobre o conteúdo místico, muito presente em suas telas, e o conteúdo da técnica nesse quadro que se chama justamente *Vuelvilla*, ou seja, a cidade que voa. Xul solar potencializa as atividades culturais e ar-

tísticas em detrimento do trabalho alienante e embrutecedor. Rogério Bianchi de Araújo, em “A utopia da cidadania planetária e a antiutopia da sociedade de consumo”, propõe um estudo sobre a utopia “de acordo com a objetividade que ela engendra, mas também com os fortes traços de subjetividade que lhe são peculiares”. Sem a pretensão de esgotar a problemática, que não é fácil de ser tratada, o estudioso adverte e adentra por uma série de textos teóricos, apontando que o desafio agora é pensar, “quebrar”, a distância entre projetos sociais e dimensão subjetiva, causas coletivas e amorosidade pessoal e, enfim, transformação social e valores éticos.

A quarta sessão, *utopia(s) e pensamento*, traz três ensaios. “Potencialidades e Sobrevivências: La comunità che viene”, de Patricia Peterle, traz para a cena das discussões a pensamento contemporâneo do filósofo italiano Giorgio Agamben. A ideia da comunidade, termo fundamental no título do livro de Agamben, já era um espectro em outros textos do autor e se insere, sobretudo, num debate mais amplo quando colocada ao lado de “A comunidade inoperante” de Jean-Luc Nancy e “A comunidade inconfessável” de Maurice Blanchot. Raymond Williams e Fredric Jameson são juntos o foco do texto de Maria Elisa Cevasco: “Momentos da Utopia em Raymond Williams e Fredric Jameson”. Aqui, Cevasco inicia com duas questões: “Para que falar em utopia hoje? Há condições de se falar em um “E se” imersos que estamos em um mar de irreversibilidades?”. A pesquisadora traça todo um percurso do pensamento de Raymond Williams, passando por Jameson, para debater a questão da utopia, que para ela é uma das formas de ruptura para manter acesa a “promessa de outros e melhores tempos”. Em diálogo com Maria Elisa Cevasco, o texto de Adriano Duarte, “Breve comentário sobre Momentos de utopia em Raymond Williams e Fredric Jameson”, segue a mesma linha operando com outros pensadores Antonio Gramsci, William Morris e Georg Lukacs, sempre em diálogo com Williams e Jameson. Para Adriano Duarte, a importância está no sentido utópico, na capacidade de renovação inerente à arte, ou seja, “na capacidade de apontar para o futuro questionando o presente”.

O presente volume traz ainda como último texto uma instigante entrevista com Roberto Machado, feita por Ricardo Machado. Em

“Criação e pensamento: entrevista com Roberto Machado”, o professor, pesquisador e tradutor fala de questões do pensamento filosófico. Nessa entrevista, Roberto Machado retoma parte da sua biografia para pensar os caminhos que o fizeram se aproximar de Foucault e Deleuze. O pesquisador, como aponta Ricardo Machado, “reivindica uma filosofia que é criação e devir e, por isso, marcada pela experimentação e por sua relação com as artes, ciências e a política”.

Os organizadores, os autores que integram o presente volume agradecem o auxílio dado pelas agências de fomento à pesquisa, a Capes que vem apoiando o *Colóquio de História e Arte*, desde sua primeira edição, em 2008, e ao CNPq que, com a concessão de Bolsas de Produtividade (PQ), tem apoiado grande parte das pesquisas apresentadas; à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação e ao Programa de Pós-Graduação em História, da UFSC, que têm estimulado e apoiado o evento.

*As organizadoras*